

OU VAI OU RACHA

Revista folclórica de assuntos locais
da autoria de

Augusto Soucasaux, Décio Nunes e Artur Roriz



B)
92.7(469.12)
OU

ce cá abaixo ó burguês
que eles aí estão outra vez

1.º Acto

OU VAI OU RACHA

ESTRIBILHO

Ou vai ou racha
Ist'agora é que vai ser
O turismo vai contar
O que nós não vamos ter
Ou vai ou racha
Vai Barcelos transformar
E com promessas fazer
Muitos castelos no ar.

VOZ

Vamos p'rá nova Estação
Ora vamos
Gozar novo panorama
Dar-lhe a nossa saudação
Pois estamos
Numa cidade de fama
De Barcelos o progresso
'té faz rir
'stava na casca do ovo
À'spera dum bom sucesso
Mas agora vai surgir
Um Barcelos todo novo.

VOZ

Rapazes e raparigas
Vamos lá
P'ró CASINO fluvial
A cantar meigas cantigas
Pois não há
CASINO tão divinal
Qu'estes CASINOS d'agora
São jeitosos
P'ra na dança dar à perna
P'ra folgar a todo a hora
Em folguedos copiosos
Mas por escola moderna.

Barcelos

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL

BARCELOS

N.º 16 072

Senhor

VOZ

Novo Mercado, Avenida
Vamos ter
Tudo em linha marginal
A roupa suja batida
Vamos ver
Lá no Cais do Pessegal
Miradouro p'ra mirar
Vai haver
C'um Hotel ultra-moderno
Projectos a projectar
Para sòmente fazer
Quando Deus não for eterno.

VOZ

E PISCINA vai surgir
Oh! se vai!
Na nossa linda cidade
Os modelos p'ra vestir
Ai ó ai
Vão ser todos novidade
Mas ninguém tenha receio
Ai não tenha
Ninguém acene que não
Tudo é feito com asseio
De modo que se mantenha
Plano d'Urbanização

VOZ

Vamos fazer tanta festa
Assim tanta
Que tudo faça mudar
E depois já nada resta
Nem espanta
Que se faça de vagar
Com vagar e com cuidado
Nós veremos
Lá p'ró primeiro d'Abril
Barcelos dar este brado: —
— Oh! que festa nós faremos
Lá para o ano três mil ...

OS ENGRAIXADORES

VOZ

P'ra elevar a'stirpe, a Raça
Nós, a quem passa
Damos pomada
A compasso muito lento
Bem espalhada
Mas a contento

A graixa que nós gastamos
E de que usamos
Como pomada
Não serve p'ra toda a gente
É da comprada
Não tem patente



Meu Senhor entre ao Turismo
Veja o lirismo
Deste Luar
De Barcelos vai ver tudo
Tudo a passar
Mas é por um canudo

Trazemos escova e caixa
E muita graixa
Para vender
Mas graixa ilusionismo
Da de render
Só no TURISMO

São de maior rendimento
Os qu'a contento
E sem ter caixa
Elogiam por sistema
E dessa graixa
Fazem seu lema

Quer chova muito ou não chova
A nossa escova
Toca ao de leve
Graixa sem aspirações
É muito breve
Sem ambições

Nós somos engraixadores
Mas não Doutores
Temos pomada
Mesmo da de furta cores
De nomeada
Para louvores

O FUSO E A ROCA

O FUSO

*No rodopio constante
Sou Fuso sempre a bailar } bis
E sem parar um instante
Faç'alegria no lar*

ESTRIBILHO

*A Roca e Fuso a dançar
Ai como tecem tais anelos
É o linho riqueza sem par
Ai que mais honra dá a Barcelos*

A ROCA

*Tu és Fuso eu sou a Roca } bis
Tecemos tantos desejos
Nossa vida não se troca
Somos noivos sempre aos beijos*

O FUSO

*Tal como a dança do vento } bis
Bailamos sempre enrolados
E dançando a passo lento
Andamos sempre enlaçados*

A ROCA

*Eu como Roca do Minho } bis
Não tenho par nem igual
Não há mais rico amorzinho
Neste lindo Portugal*

A PORCA DO MIGAS

ESTRIBILHO

Co'a porca vai-se às do cabo
Anda o rabo em tantas brigas
Diz a dona: tinha rabo
Não tem rabo, diz o migas

VOZ

O Migas se fez questão
Co'a porca desenrabada
Foi p'ra ter opinião
No meio da porcalhada

Tenha a porca rabo ou não
A dona é qu'o sabe bem
Há bruxedo na questão
Que só ao Migas convem

VOZ

Diz a dona, a porca tinha
Um rabo muito comprido
Diz o migas só continha
Um rabo muito sumido

Não se sabe ao fim, ao cabo
S'o rabo será do Migas
Ou s'era da dona o rabo
Que motivou tantas brigas.

VOZ

Rabo da porca, afinal
P'ró Migas foi só pirraça
Pois tem lá o original
Que provocou tal chalaça.

Por fim o rabo apar'ceu
E já tem categoria
Já figura no Museu
Dos Alcaides de Faria

FEIRA DE BARCELOS

CORO

Nossos abraços são elos
De produção divinal
Como a feira de Barcelos
Não há outra em Portugal.

COMPÈRE

O mexilhão, que esperança
P'rás batatinhas q'eu tenho
Bacalhau de confiança
Só s'arranja com empenho.

2.^a VENDEDEIRA

Tudo à farta há em Barcelos
Tudo à farta até na asneira
Desde os heróis dos Castelos
'té aos bonecos da feira.

Meu senhor apalpe, apalpe
Aqui não há confusões
Tome o peso, não se exalte
Veja que loiros limões !

COMPÈRE

E p'rá gente de Barcelos
Vai a nossa saudação
Com os artigos tão belos
Desta rica exposição.

Ó minha linda cachopa
Eu sou franco, não a engano
Veja s'outro freguês topa
Eu só cá volto p'ró ano.

COMPÈRE

Não apertem a tarracha
Lindas donzelas do Minho
Ist' agora OU VAI OU RACHA
Que já 'stá aberto o caminho

3.^a VENDEDEIRA

Pêssegos de cor rosada
E dos d'aparta caroço
São de polpa acetinada
É tudo carne sem osso . . .

1.^a VENDEDEIRA

Olhe-me estas batatinhas
Que reboludas que são
Com bacalhau cozidinhas
Sabem que nem mexilhão.

COMPÈRE

Essa fruta é de respeito
Tem aroma e tem beldade
Mas dela guardo preceito
Pois já tenho muita idade.

A PENEIRA E O ABANADOR

PENEIRA

Cá na peneira
Creiam nisto meus senhores
Foi-se o tempo dos favores
Vai tudo pela fieira
No passador
Só em série ou em feixe
É que passa certo peixe
Que se deixe
Por favor ...

PENEIRA

Guarda segredo
Deixa lá viver quem vive
Deixa qu'a peneira escreve
Não descubras o enredo
Meu meliante
Na peneira não t'instales
Pois tu p'ra mim nada vales
Não te rales
Meu tratante.

ESTRIBILHO

Olha a peneira
Abanada ao abanico
Salta que tem mafarrico
Qual fuso na fiandeira
Cai-lhe no goto
Qu'a farinha da peneira
Não se fez p'ra nenhum roto
Quer garoto
Com jeiteira.

ABANADOR

Olha donzela
Os teus beijos são farinha
Da muito bem moidinha
Mas a peneira é gamela
De ruins virtudes
Porque a farinha só dás
A quem muito bem t'apraz
És mordaz
Não m'iludes.

ABANADOR

Abanador
Sempre que abano a peneira
C'um raminho d'Oliveira
D'Antoninho, nosso amor
Faço o que quero
Na peneira sempre passa
Quem tiver caído em graça
E na caça
Não for zero.

PENEIRA

Mas, afinal
O que tem meu rico amor
Que eu cá faça o meu favor
Se peneiro menos mal.
Deixa correr
C'o a peneira a peneira
Que a farinha há-de chegar
P'ra faltar
Tudo encher.

REGATEIRAS

Mercê dos Fiscais da feira
E do qu'escorre por fora
Já se compra fora d'hora
Sem barulho ou chinfrineira.

TUNICA, não faças troça
Mas os fiscais de serviço
Também tem o seu derriço
Com quem puxam à carroça

Não te azedes BATATEIRA
Deixa correr o zum-zum
Vamos matar o jejum
Co's Fiscais p'rá Bagoeira

Foi-se o bando e os tambores
A feirar cá no feiranço
Todos vamos p'ró armanço
Co's fiscais ou zeladores



ESTRIBILHO

Cá nesta feira
Pagar
Não bufar
Andar mui ligeira
Se não
Tudo esfarela
Parte a gamela
E os fiscais lá se vão



Olha CHUVA, meu amor
Temos d'imitar a praga
D'aquela CHAPA de Braga
Fazendo o nosso favor

Isto agora é de topete
LEOA, corre ligeira
Compra fora da barreira
Que já não pagas bilhete

Não te rales companhia
Não sejas tão tagarela
Todos caem na esparrela
Dá p'ra tudo a nossa feira

Co's fiscais e regateiras
Foliando alegremente
Tudo dança minha gente
No fim de todas as feiras

MULHER DA LIMONADA

VOZ

Água potável
Lá p'ros lados de S. Braz
É muito recomendável
Pelos milagres que faz

ESTRIBILHO

Ói ó ai
Serve p'ra gargarejar
Ó S. Braz, casai, casai
Quem for p'ra lá namorar

VOZ

Água potável
E de rádioactividade
Possui o condão, louvável
De rádio-maternidade

ESTRIBILHO

Ói ó ai
Serve p'ra gargarejar
Ó S. Braz casai, casai
Quem for p'ra lá namorar

VOZ

Água potável
Meu Sr. beba um copinho
O Sr. também lá vai
Se eu lhe der certo jeitinho

ESTRIBILHO

Ói ó ai
Meu Sr. beba um copinho
O Sr. também lá vai
Se eu lhe der certo jeitinho

OS GALOS POLÍTICOS

1.º GALO

Eu cá sou galo
Com muito calo
Com muito treino
Quero o meu reino
Velhos braços
Com esporões
Qu'horas reais
São só p'rós PAIS.

5.º GALO

Vocês serenem
Não me depenem
Tenham mais calma
Que eu levo a palma
Todos os dias
Nas simpatias
De TORRES tenho
Nome e engenho.

ESTRIBILHO

Cóco-có-có-róco-có
Cantam galos nos poleiros
Nós também somos oleiros
Có-có-có-có-ró-có-có
Fabricando galos belos
Mesmo dentro de Barcelos.

2.º GALO

Galo mais novo
Saí do ovo
Do capoeiro
Para o poleiro
Se fui FURTADO
Do meu reinado
Na nova arena
Eu volto à cena.

TODOS

Cantar quer hora
Vamos embora
Porque se não
Vem o papão
Pelo telhado
Com o MACHADO
E co'a NORTADA
Desesperada.

3.º GALO

Cantasteis cedo
Do vosso medo
Dessa cartada
Veio a NORTADA
Noutro poleiro
Todo ligeiro
Dou assistência
A vocelência.

1.º GALO

A minha fala
Ninguém a cala
Credenciais
São só p'ró PAIS
Não me confundes.
Dona Aldegundes
A mim confia
A Gerarquia.

4.º GALO

À machadada
Bem combinada
Co' meu MACHADO
Puz-vos de lado
Não vou na onda
De quem me sonda
Nem do vespeiro
Do meu poleiro.

2.º GALO

Como FURTADO
Do desejado
Lugar-tenente
Tenho patente
Para primeiro
Ir p'ró poleiro
P'ra bem da grei
E do meu rei.

3.º GALO

Dormir na forma
É fraca norma
Contra a NORTADA
Ninguém faz nada
Toda a FARMÁCIA
Foi só falácia
Para me pôr
A provedor.

4.º GALO

Não é chalaça
Mas à pirraça
Co' meu MACHADO
Dei apoiado
Pois co' a NORTADA
Bem preparada
Dei ao poleiro
Um milagreiro.

5.º GALO

Vais bem MIGUEL
No teu papel
Mas tu FURTADO
stá preparado
P'ra subir mais
Além do PAIS.
Porém cuidado
Com o MACHADO!

TODOS

Cantar quer hora
Vamos embora
Porque se não
Vem o papão
Pelo telhado
Com o MACHADO
E co' a NORTADA
Desesperada.

OS GALOS DE BARCELOS

Cá no poleiro
De Barcelos estes galos
Fazem viveiro
Estão sempre a fabricá-los
Galos rafeiros
Galos assim belos
Rapioqueiros
Só em Barcelos
É cada prenda!
Cada sorvete!
São d' encomenda!
E são de topete!

Até vão p'ró estrangeiro
Os galos cá fabricados
Onde fazem galinheiro
E lá no poleiro
Cantando trinados,

Levam longe o nome de Barcelos
E das nossas feiras
Da nossa terra
Os galos vermelhos, amarelos
De cor's tão gaiteiras
De serra em serra.
São alvoradas
Trinados belos
Em hinos cantados: —
Viva BARCELOS.

2.º Acto

CONGRESSO VINÍCOLA

Cantam em coro

Ai bendito seja o vinho
Bendito seja mil vezes
Deus nos dê um S. Martinho
Toda a vida e mais seis meses.

Na regra da cantoria
Afimal és como dantes
Bebeste na VACARIA
Vais acabar ao ARANTES.

Do ZÉ DO PORCO tu vens
A cair como um anginho
Já nas pernas te não tens
Pois foste ao ESCONDIDINHO.

Cantadeira, cantadeira
Tu não me jogues mais biscoas
Pois já foste à BAGOEIRA
'ind vais prò ZÉ DAS ISCAS.

Comigo ninguém discuta
Comigo ninguém se meta
Bebeste no BAR DA GRUTA
Por isso tens tanta treta.

Todos em coro

Rapazes e raparigas
A quem disser mal do vinho
Fazei, figas, muitas figas
Por honra do nosso Minho.

O vinho corre, escorrega
O vinho nunca faz mal
Desde que seja d'Adega
Do Reinaldo, de Gual.

O vinho apaga a tristeza
O vinho faz-nos sorrir
Venha vinho para a mesa
E depois, vamos dormir.

Bom bacalhau quer um alho
Num cozido à portuguesa
O vinho Luís Carvalho
É a melhor sobremesa.

Da Quinta do Lavadouro
Ai, do Francisquinho Esteves
Bebam o vinho cor dourado
Toda a vida e mais seis meses.

O vinho verde é o demónio
Mas não tem par, nem igual
Da «Casa» Dr. Teotónio
É o melhor de Portugal.

Vinho Novo

ZÉ DO PORCO não te rias
Qu'eu não queira mata-ratos
Prefiro o das TRÊS MARIAS
Ou então vou ao «BAR MATOS».



Vinho novo dá comida
P'ra milhões de lusitanos
Bendita seja a bebida
Qu'ê nova todos os anos.

ESTRIBILHO

Rico vinho novo	} <i>bis</i>
E santa pagodeira	
A correr pela goela	
Ai a subir à mioleira.	

Toma e bebe o meu conselho:
Do vinho novo o sabor
P'ra que possas ser espelho
A brilhar numa só cor.



Sou vinho novo bem sei.
Se vou a cambalear
É para cumprir a Lei
De produzir e poupar.

Vinho Asal

A minha credencial
Apresento ao vinho velho
Porque o vinho verde-asal
É o melhor do concelho.

Vinho Vinhão

Eu como verde-vinhão
Aqui 'stou neste Congresso
P'ra dar vinho p'ra Nação
Defendendo o seu progresso

Vinho Moscatel

O moscatel é raiz
E cepa do melhor vinho
Fora ou dentro do País
Bebam só vinho do Minho.

Todos em coro

O vinho verde é na vida
Triunfo da nossa Raça.

*Ó tirolé vira-te p'ra mim
Ó tirolé vira sempr' assim.*

No mundo não há bebida
Que tantos milagres faça.

*Ó tirolé vira-te p'ra mim
Ó tirolé vira sempr' assim.*

O vinho verde é sorriso
Que dá vida e juventude.

Ó tirolé...

Até Deus no Paraíso
O bebe p'ra ter saúde.

Ó tirolé...

Na vida é tudo mentira
Só não é mentira o vinho.

Ó tirolé...

O vinho que nos delira
Com ternuras de carinho.

Ó tirolé...

O vinho verde é alegria
É vinho fado-canção.

Ó tirolé...

Dá-nos prosa e poesia
Seja ASAL, seja VINHÃO.

Ó tirolé...

O vinho verde contém
Tanta frescura e aroma.

Ó tirolé...

Dele bebiam também
As mulher's d'antiga Roma.

Ó tirolé...

Sem vinho não há ideias
Venha vinho, muito vinho.

Ó tirolé...

Encham taças! Taças cheias
São toda a vida do Minho.

Ó tirolé...

Vinho adulterado

VOZ

Este vinho adulterado
Vinho sem opinião
Diz com Deus e c'o diabo
É vinho camaleão

ESTRIBILHO

Ó-ai-ó-ai
Aldrabão põe-te lá fora
És camaleão agora
Se-lo-ás a toda a hora

VOZ

É vinho de furta-cor
De casaca p'ra virar
É eterno adorador
De quem 'stiver a mandar



Fora, fora o aldrabão
Que vem pr'á 'qui estragado
Vejam lá que maganão
Este vinho adulterado!...

Todos em coro

Rapazes e raparigas, cantai
Canções do Minho
Corações em rodopio, dançai
E bebei vinho
Vinho verde de Barcelos
Que é o melhor de Portugal
Quer de noite, quer de dia
Não faz mal
E, agora, vamos beber
P'ra depois poder cantar
Com alegria e calor
Todos a par

Bis { Ó vinho verde
Ó vinho de rubra cor
Verde e vermelho
Como o nosso amor
Dá vibrações ao Congresso
P'ra que tenha, até morrer
Do luso o lema:
«Comer e beber».

A CIGANA

P'ra ler a sina n'altura
Tirar toda a diabrura
Só a luxúria magana
Da Cigana

Aquele senhor ali
Só anseia vir p'ráqui
Gosta da tez indiana
Da Cigana

*E erra quem duvidar
Do que a Cigana disser
Pois o dom d'adivinhar
Pertence só à mulher*

Olha acolá quem eu vejo
Boquinha a pedir um beijo
E desejoso o timpana
Da Cigana

Aquele menino 'além
Tem amor's não diz a quem
Mas conhece-lhe a Fulana
A Cigana

*E já não larga a pequena
Aquele grande tratante
Só por ela ser morena
Não a deixa o meliante*

Não é nada co'a menina
Mas eu leio a sua sina
Pois que já ninguém engana
A Cigana

A vida vou descobrir
Do velho que s'está a rir
Vai apanhar co'a catana
Da Cigana

*Vá andando, mas cuidado
Que seus passos são notórios
Seu caminho é palmilhado
Por passos bem mais finórios*

Quanto àquele caixeirinho
Conheço-lh'o amorzinho
Sendo uma linda tricana
É Cigana

Também aquela Senhora
Todas as noites namora
Mas não ilude a magana
Da Cigana

*Todavia veja lá....
-E faremos uma aposta-
S'é do gosto do papá
A mamã, essa, não gosta...*

Aquele Sr. Doutor
Todo pruridos d'amor
Armou em casta Suzana
Co'a Cigana !

O Sr. com seu jeltinho
Leva a água ao seu moinho
Mas não seja tão sacana
P'rá Cigana !

*Eu todas as sinas leio
Mas disso não tenha medo
Faça as coisas sem receio
Qu'eu por mim guardo segredo*

O PASSADO

FADO

António Afonso adorado
Contigo morreu o fado
Dos saudosos tempos belos
Da boémia de Barcelos

Da tua terra a boémia
Da morte se tornou gémea
E o fado tão teu amigo
A chorar morreu contigo

O sol não mais se descerra
'stá de luto a tua terra
Mas ficaste eternizado
Com o fado sepultado

De crepes já veste a lua
Que foi sempre toda tua
Como fiel companheira
'té à hora derradeira

Quando Deus te ouviu cantar
Aos anjos disse a rezar:
Vou chamá-lo p'ra meu lado
Só p'ra nos cantar o fado

E do Céu onde tu moras
Ouve-se a todas as horas
De noite pelo luar
A tua voz a cantar

O PASSADO

VOZ

Velhos Malheiros
Tão altaneiros
Fostes boêmios
D'alta cultura e elevação
Tempos passados
Versos cantados
Divinizados
Entre noites d'inspiração
E foi assim
Em sonhos belos
Que teve fim
Essa boémia de Barcelos

VOZ

O culto havia
Duma alegria
Tão elevada
Pois p'lo saber da inteligência
A dominar
A realçar
A comover
Se mostrava toda a tendência
De elevação
De sentimento
Do coração
E do valor do pensamento



ESTRIBILHO

CORO { *Ó Barcelos*
Nossa Terra
Do passado tu descerra
Toda a formosura em elos
Dos anelos
D'oração
Desta nossa devoção
De paixão
Por Barcelos



VOZ

A estudar
A recitar
Mesmo a reler
Os versos de António Fogaça
Em guitarradas
Nessas noites
Enamoradas
De sonhos de beleza e graça
Era instrutiva
Maravilhosa
Educativa
Essa boémia tão saudosa

VOZ

Nesse preceito
Era do peito
E p'lo espírito
Que se educava a mocidade
Em feitos belos
Desse Barcelos
Que já morreu
Mas que lembramos com saudade
Assim permita
Que a moça gente
Nisso os repita
Evocando-os mui ternamente

O PRESENTE

VOZ

Quando se joga o sintético
A batota é reinadia
Pois um jogo assim patético
É disputado à porfia

Ist'aqui é bestial
É penalte a toda a hora
Esta malta é colossal
E cada dia piora

ESTRIBILHO

Vem cá lascarino
Tu és mui ladino
Não sejas ferino
Casmurro!
Assim tão janota
Se quer's boa cota
Faz sempre batota
Casmurro!

Andas maluco da tola;
Não negues, qu'eu bem no sei
Só sabes falar da bola
Ou discutir no *Oquei*

Ó pá não digas que não
No *bluff*, ou no dominó
Na canasta ou no gamão
Tudo causa o mesmo dó

VOZ

P'rós adultos ensinar
Em Barcelos, já se vê,
'té foi preciso fundar
Um Club do A. B. C.

Espera que eu dou-te o troco
Menino, vais-t'estampar.
Penico, chapéu de coco
Chixa! Ó pá vai-te deitar

CHAPÉUS DE PALHA

VOZ

Cosidos a larga malha
Reluzentes como espelho
Fazemos chapéus de palha
Rica indústria do concelho
E entre nós nunca falha
O sabor de vos gozar
Todo o... burro come palha
Questão é sabê-la dar

bis { Damos o ponto
Sem escarcéu
E tudo tonto
Quer um chapéu
Todo o sujeito
Nos cai na malha
Se tiver jeito
Come da palha

VOZ

É tanta a palha colhida
P'ra fazer chapéus ao cento
Que dá p'ra muita comida
E chega p'ra um regimento
Muitas vezes brada aos céus
Ver gastar tanta palhada
Pois não é só p'ra chapéus
Tanta palha trabalhada

Embora não queiram crêr
Entre tanta palha a rodos
Os que mais sabem comer
São os mais finos de todos
Lindos modelos fazemos
Trabalhados a primor
E p'ra certa gente temos
Os chapéus de furta-cor

LAVADEIRAS

Ao lavar a roupa suja
Ao batê-la p'ra lavar
É ver quem melhor intruja
E quem mais tem que contar

Roupa suja ensaboada
Junto ao Rio, aos arvoredos
Vai deixar, após lavada,
No Rio tantos segredos.

Estrilho

*Ai bate, bate
Bate com lida
Ai bate, bate
Deita sabão
Roupa batida
Bem torcida dirão
Ó ai
Ó ai torcida
Torcida à mão.*

Voz

A roupa suja batida
E no Rio posta à prova
Sendo muito bem torcida
De lavada passa a nova

Ao lavar a suja roupa
Ou ao deitá-la a secar
A gente nunca se poupa
Na faina de criticar.

1.^a Lavadeira

Entendo a tua saia
Não sou da tua laia
Só sabes fazer *desunião*.

2.^a Lavadeira

Fiquei co' S. Tiago
Que deixou tudo pago
E tudo para bem da Nação.

Estrilho

bis { *Sai, sai, sai
Muda o papel
Vai-te daqui
Manda agora outro D. Miguel
Que p'ra ninguém sorri
Sorri.*

1.^a Lavadeira

Afinal que lucrei
S'o traste levei
A fazer variado papel.

2.^a Lavadeira

A roupa tão sabuja
Lavou-se e ficou suja
Depois de fazer tant'aranzel.

O ZÉ DAS MOCADAS

'stá cadáver, afinal
O processo das farinhas
'stá de luto o Tribunal
Ai que treta Se Mar'quinhas

Anda tudo do invés
Lá no Bairro é moda agora
O fumo das chaminés
Sair p'las janelas fora.

Por amor à devoção
Todo o comércio rezou
No dia da procissão
Suas portas não fechou.

As regras da melodia
Eu não sei se vós sabeis
Mas bocas p'ra poesia
Só as trata o Dr. Reis.

ESTRIBILHO

*P'ra vender canadas
Ai vira que vira
O Zé das Mocadas
Que não é caipira.*

VOZ

Na santa paz do Senhor
Os escuteiros agora
Por corneta ou a tambor
Tem o seu juiz-de-fora.

Bonecos a toda a hora
E fabricados com arte
Só na CASA DE SAÚDE
Do Dr. Aires Duarte.

Lá na *cambra* o sê Moreira
A ninguém causando dolo
Subiu na sua carreira
'stá chefe de protocolo.

Após tantas artimanhas
Caprichos e torvelinhos
Até Casa dos Mendanhas
Mudaram p'ra Barcelinhos.

Se quer's moderno sapato
Aos Cunhas tu põe de lado
Vai calçar-te ao Sindicato
Vens de lá mais bem calçado.

Isto já ninguém espanta
A questão é que consintas
Lindos dentes, mais garganta
Arranjas no Dr. Quintas.

Lá no Matadouro antigo
Já não gritam animais
É agora, escola e abrigo
De cantos mais cordiais.

Não sei se vá ou se fique
Não sei se fique ou se vá
Ouvir a crítica «chic»
Da nossa terra ao «Ràjá».



Foi um barulho infernal
Iste é segredo, cuidado!
P'ra Vila Cova, afinal
Lá voltou o sequestrado.

Se quer's enxoval garboso
Na rede ficar's cativa
Compra ao Nèlinho Cardoso
Uma máquina d' «OLIVA».

Não há respeito, afinal
Mesmo fora do defeso
No Parque do Hospital
Prenderam o fogo preso.

Tu fizeste-me um ultraje
Vestindo o fato pior
Foste ao Concurso do Traje
Mas não mostras-te o melhor.



Tem Barcelos três Marias
Médicas a medicar
Mas só se curam azias
Nas três *Marias do Bar*.

Calções, polainas, sapatos
Sebo, gorduras e cera
O vinho de mata-ratos
É de pires e de pêra.

Olha Barcelos ó pá
Vês tudo por um canudo
Vêm os de fora p'ra cá
Para mandar nisto tudo.

A todos os bem fadados
Hora a hora Deus melhora
Os que não foram visados
Não perdem pela demora.

CRECHE SANTA MARIA

VOZ

Já temos Escola e pão
Na «Creche Santa Maria»
Quem nos dê educação
E nos guie dia-a-dia.

Defendendo a castidade,
De toda a nossa inocência
Mostrais como a Caridade
Não quer ser Benemerência.

ESTRIBILHO

Seja a gratidão
A nossa oração
P'ra quem nos faz bem
Seja a nossa fé
Maria José
Qu'ê tão doce mãe.

VOZ

Anjo da Guarda, Senhora!
Senhora Dona Maria!
Sois a nossa protectora
Sois na vida o nosso guia!

Vós trazeis junto de nós
Todo o pão do vosso Lar
Esse lema seja a voz
De tantos que podem dar.

Vós levaste às nossas casas
Luz e lume p'rá lareira
Graças a Deus já há brasas
P'r'aquecer nossa lareira.

Já temos Escola e pão
Na «Creche Santa Maria»
Quem nos dê educação
E nos guie dia-a-dia.

APOTEOSE

CEIFEIRAS

*Ceifeiras são alvoradas
De trabalho e alegria
Cantando de madrugada
E bailando todo o dia.*

*São carros de bois a passar
Foicinhas no ar
E loiras espigas
Namoros ao entardecer
Jurando morrer
Em doces cantigas.*

*A ceifa é um cantar de alegria,
Nos trigais ondulantes de amor
'spraiando-se em tom de magia
Pelos campos do Minho em flor
E as moças correndo à porfia
Noite e dia
Sempre a cirandar
Vão ter um novo sorrir
De esp'ranças a abrir
Em dia melhor
Vão dar aos seus corações
Calor de canções
Cantadas de cor.*

RENDILHEIRAS

Rendas a voar
Em sonhos de amor
Em beijos de eterno noivar
Lírios a florir
Com graça e candor
Ao sol da vida que não quer murchar
'spumas de prazer
Rendas a voar
Ao escurecer
Dão brilho ao luar.

MANTAS DE FARRAPOS

Sempre a tecer
Andamos nós sem descansar
Corpo e coração
Sempre a correr
Que a vida é um constante lidar
Uma fiação
Fios de amor
A prender trapos de ilusão
Que nos faz sofrer
Seja qual for
A canção
Da mulher
Ó Barcelos vem
Ver moças tecer
E tece também
Outro viver.

ESPADELADEIRAS

'spadeladas da nossa terra
São folgedos sem rival
Desde a beira-mar 'té à serra
São de fama em Portugal.

Em Barcelos as raparigas
Têm orgulho no linhar
Seja aderrigar nas estrigas
A fiar ou 'spadelar.

Espadelas de zás trás – trás
Espadelas de zus truz – truz.

Quem me dera ver a cara que o meu amor traz
Quem me dera ver aquele rico ai Jesus!
Quem me dera ver o coração do meu rapaz
Quando S. Braz
Me der mais luz.

TODAS

Ah!... Ah!... Ah!... Ah!...
Mulheres que trabalham todo o dia
Nas aldeias
De Barcelos
Agora vão cantar todas à porfia
Canções de sereias
No mar dos sonhos belos

Oh quem nos dera
Levar a toda a parte
Noss'alma em primavera
Nosso desejo de arte
Arte singela
Dêste Minho garrido
Desta terra tão bela
Dêste jardim florido.

OU VAI OU RACHA

Compère	<i>João Dias de Sousa</i>
Vai ou racha (solista)	{ <i>Maria Helena Durães</i>
Peneira (solista)	
Mulher da limonada	
Cigana >	
1. ^a Lavadeira	{ <i>Maria José Ferreira</i>
Criada do C. I. T.	
Engraixadores (solista)	
Porca do Migas (solista)	
2. ^a Vendedeira	{ <i>Maria Fernanda Lemos</i>
Vinho Moscatel.	
Zé das Mocadas (solista)	
Roca (solista)	
3. ^a Regateira	{ <i>Maria da Conceição Durães</i>
2. ^a Lavadeira	
2. ^a Vendedeira	{ <i>Maria Rosa Teixeira Santos</i>
Vinho Vinhão	
Criada do Passado.	
3. ^a Vendedeira	<i>Maria Luciana Dantas</i>
Mulher do Roberto	<i>Maria de Lourdes L. Silva</i>
4. ^a Regateira	<i>Maria Ângela Dantas</i>
1. ^a Regateira	<i>Maria Alice Sendim</i>
2. ^a Regateira	<i>Maria José Rodrigues Pereira</i>
Vinho Azal.	<i>Maria da Conceição Duarte</i>
Creche (solista)	<i>Maria da Glória Araújo</i>
Prólogo	{ <i>Manuel Leal Pinto</i>
Astrólogo.	
O Homem da Capa	
Homem das Vistas.	
Boémio	
Frade	

C. I. T.	}	<i>Belarmino Coutinho</i>
3.º Galo		
Vinho velho.		
Boémio		
Maestro	}	<i>António Santos Araújo</i>
Zelador		
Vinho adulterado		
Boémio		
Fuso (solista)	}	<i>José Manuel Barbosa</i>
Abanador (solista)		
Jogador		
Homem do Cacete.	}	<i>Vitor Lemos</i>
Pescador		
Erudito	}	<i>António Godinho Meira</i>
4.º Galo		
Vinho do Douro		
Boémio		
O Roberto	}	<i>José Augusto da Silva</i>
5.º Galo		
Vinho Novo.		
Boémio		
Polícia « Roberto »	}	<i>Carlos Durães</i>
Criado		
Aldrabão.	}	<i>Vicente Máximo Monteiro</i>
Boémio		
2.º Galo	}	<i>David Fernandes Senra</i>
Boémio		
1.º Galo	}	<i>Ilídio Manuel Pimenta</i>
Boémio		
Boémio		<i>Guilherme Loureiro</i>
Boémio (solista)		<i>Manuel Neiva</i>

Jogadores: *José Valdemar, Teotónio Lima, Domingos Augusto Dantas, Manuel Arménio Machado, Agostinho Salgado, Adelino Teixeira Santos, José Gandra e António Jesus Ramos.*

TÍTULO DOS QUADROS

1.º ACTO

Na Mansão do Turismo

Feira de Barcelos

Galos (apoteóse)

2.º ACTO

Congresso dos Vinhos

O Passado

O Presente

Lavadeiras

Lenda do Passarinho

Festas das Cruzes

Números em cortina

Porca do Migas — Erudito — Galos (5) — Cigana — Zé das
Mocadas — Creche Santa Maria

Coros por:

*Maria Delfina Cardoso Fonseca, Maria Teresa Miranda Pinto,
Maria da Graça Pereira, Ana Clementina Pereira, Justina Rodrigues Pereira, Maria Helena P. da Costa, Maria Emília Pereira da Costa, Maria Amélia Machado, Maria Celeste de Sousa, Maria da Glória Araújo, Maria do Carmo Pinto, Maria Augusta Araújo, Maria Aldina Correia, Maria José Gomes de Sousa, Maria Fernanda Dantas, Fernando Leal Pinto, António Pereira da Costa e Domingos Augusto Dantas.*

Comp. e imp. nas Ofs. Gráficas da
COMP. EDITORA DO MINHO
Barcelos

biblioteca
municipal
barcelos



16072

Ou vai ou racha